

POR DENTRO DO THEATRO MUNICIPAL

Revista de
Comunicação
Interna

EDIÇÃO 04 – JUN 2023

COMPLEXO TMSP

Foto: Stig de Lavor

- 3** Entrevista
- 12** RH e Você!
- 13** Programação

A portrait of a middle-aged man with short, white hair and a well-groomed white beard. He is wearing black-rimmed glasses and a blue and white plaid blazer over a dark blue button-down shirt. He is smiling slightly and looking directly at the camera. The background is a dark, out-of-focus setting with warm, bokeh light spots, possibly from a window or a decorative light source.

MUNICIPAL ENTREVISTA RAY

Foto: Stig de Lavor



QUATRO DÉCADAS PASSO A PASSO

46 anos de história dentro da dança são difíceis de resumir. Raymundo Costa, o Ray, coordenador artístico do Balé da Cidade de São Paulo, conversou conosco por quase duas horas sobre sua trajetória, que incluiu diversos palcos do mundo, mas que teve, como centro, os palcos da casa na qual permanece até hoje. Apaixonado, obstinado e cheio de bom humor, Ray nos conta sobre os palcos da dança, em especial o do Municipal, cenário de luta política, lugar em que primeiro foi visto por seu grande amor e companheiro de vida, que primeiro o assistiu dançando, e do qual saiu como um dos primeiros bailarinos do país a se aposentar.

Como você entrou no mundo da dança?

Desde sempre eu tive interesse pelas artes cênicas, na minha cidade natal Montes Claros, em Minas Gerais, onde participei de coral infantil e dos grêmios da escola, um pouco pelo espírito da minha mãe, que era professora, gostava de escrever poemas, cantar, e do meu pai que tocava violão. Na escola comecei a participar de grupos de teatro, e um dia, uma professora que ensinava balé no conservatório da cidade, nos procurou para participar do festival de fim de ano, pois não haviam meninos dançando. Fomos três rapazes de 16 anos. Logo de cara me apaixonei pela dança. E, ao mesmo tempo, eu assisti no Fantástico em 1976, o Grupo Corpo apresentando um *pas-de-deux* do espetáculo *Maria Maria*, com coreografia do Oscar Arraiz, no qual dançava o Hugo Travers com a Myriam Pederneiras. Aquela mistura de movimento de dança tão teatral, me deixou muito impressionado e me despertou para a dança profissional.

Você então saiu de Montes Claros?

Em 1976, quando terminei o segundo grau, naquela época, científico, me mudei para Belo Horizonte. Eu queria trabalhar e também aproveitar para estudar dança. Um tio meu conseguiu um trabalho na companhia de processamento de dados do Estado, na qual eu fazia digitação de dados bancários das 7h da noite à 1h da manhã. Eu tinha o dia inteiro livre. Em 1977, comecei o ano fazendo duas aulas por semana no Palácio das Artes e terminei

o ano fazendo três aulas por dia (ri). Lá, na escola do Grupo Corpo e outros estúdios também. Eu queria muito aprender. No Grupo Corpo eu tinha um professor de técnica Graham (da bailarina estadunidense Marta Graham) que dançava no Baletatro Minas, que era uma companhia de dança mineira, dirigido pela argentina Bettina Bellomo. Ele me levou lá para um teste. Eu sempre joguei muito vôlei na adolescência e tinha muita agilidade, além de uma facilidade para memorizar movimentos. Eles me convidaram para entrar para o grupo que ensaiava o Carmina Burana, da coreógrafa argentina, Adriana Coll. Não havia um salário, mas eles me davam uma ajuda de custo. Continuei trabalhando, mas mudei o horário de trabalho para 1h às 7h da manhã, para poder ensaiar com eles e continuar a estudar dança.

Que luta e que paixão, hein?

Era muita paixão. Nas pausas do trabalho eu dançava nos corredores da PRODEMGE (Processamento de Dados do Estado de Minas Gerais), e meus colegas riam muito de mim. Mas aí foi ficando muito estafante. Quando eu decidi deixar o trabalho para tentar me dedicar exclusivamente à dança, minha família mal acreditou e me questionou muito. Mas eu estava decidido. A Bettina Bellomo, que era essa diretora do grupo, que havia sido primeira bailarina no Balé de Cuba e ainda hoje dá aulas em BH, foi minha grande mentora no início. Devo a ela muito do que aprendi. Viajamos pelo Brasil com esse espetáculo e chegamos

a ganhar o prêmio de melhor coreografia e melhor grupo, no II Encontro Nacional de Dança, na Bahia, mas logo depois o grupo se dissolveu. Nesse período, o Palácio das Artes tinha aberto inscrições para participar de *Romeu e Julieta*, coreografado pelo diretor Hugo Delavalle. Passei e fiquei cinco meses nessa produção. Ao final, houve uma mudança na direção e logo depois houve uma audição, da qual não passei.

Foram muitos altos e baixos nesse início, né? Você não desanimava?

Após a audição, o diretor falou que eu deveria parar de dançar, que eu não tinha talento para dança. Imagina a minha decepção. Quem estava na banca nessa audição era a Iracity Cardoso, que era assistente de direção do Antonio Carlos Cardoso no Corpo de Baile do Theatro Municipal. Depois da audição, a encontrei num

restaurante e conversei com ela para tentar entender o que havia acontecido e o que eu poderia fazer para melhorar. Ela me disse que às vezes era uma questão de gosto do diretor, mas que dava para perceber que eu não tinha muita experiência. Mas nada que, com um bom trabalho, eu não conseguiria progredir. Eu não tinha nem 3 anos de dança ainda e, apesar de ter sido muito bem orientado, era muito pouco tempo. Ela me disse que iria ter uma audição no final do ano no Theatro Municipal. Vim no final de 1979 e após a audição, entrei para o elenco. Eu tinha 1,76 de altura e pesava 56 kg nessa época. Era um palitinho, mas tinha facilidade para decorar os passos e, sem pretensão, à medida que ia passando a audição, depois da barra, que muita gente foi eliminada, ia ganhando uma super confiança. Ingressamos eu, Guilherme Botelho, Ricardo Viviani e um garoto que ficou só o período de experiência.



E como foi a chegada?

Existem todos os registros dos espetáculos do Corpo de Baile Municipal (CBM) dessa época, que foram filmados pela TV Cultura, para o programa Corpo de Baile. O CBM, passou a se chamar Balé da Cidade de São Paulo somente em 1981. Eu participei de várias dessas gravações, umas seis coreografias, pois alguns bailarinos haviam deixado o elenco naquele ano.

Como foi entrar pela primeira vez no palco do Municipal?

Ah, eu tremia igual vara verde. Mas uma vez que você está dentro do palco, o nervosismo some. A adrenalina faz tudo desaparecer, inclusive dor de cabeça. Ao longo dos anos você vai ganhando experiência. A coisa que para mim foi mais difícil de tudo que eu já dancei no Balé da Cidade foi um espetáculo chamado *Enthousiasmós*, do José Possi Neto, em 1998. Eu e mais dois bailarinos descíamos do urdimento, 30 metros de altura, presos em cadeirinhas de alpinismo e de cabeça para baixo. Cada vez que ia me dependurar, meu coração parecia que ia sair pela boca.

E como você chegou a coreografar?

Eu fiz a minha primeira coreografia em um workshop da companhia em 1983, quando Klauss Vianna era diretor. Chamava *Variações*. Criei alguns movimentos e usei a base deles para fazer duos, trios, adágio, movimentos com saltos, algo mais pelo chão, várias modificações daquelas frases na

coreografia. A música era do filme ET! Na direção do Klauss participei também de uma equipe coreográfica do espetáculo *A Dama das Camélias – Um Delírio Romântico* com direção do José Possi. Foi uma experiência única e que me fez seguir com vontade de continuar coreografando. Para a companhia criei em 1990, o Chôro para Dois, em 1993, criei também Nonetto, que eu fiz em um workshop de coreografia dos bailarinos, e foi incorporado ao repertório. Na direção de José Possi, fui coreógrafo de uma das cenas de *Baile Na Roça* e de parte da coreografia de *Enthousiasmós*.

Como ela continuou?

De 1980 a 1983 foi um período em que muitos bailarinos foram para a Europa, ninguém queria ficar no Brasil. Eu também, fui para a Alemanha, para um teatro chamado MusikTheather im Revier, em Gelsenkirchen. Lá, além de dançar em todos os espetáculos, eu participei de três mostras de coreografias dos bailarinos, uma delas inclusive coreografei para o próprio diretor, Bernd Schindowisky. A ideia da coreografia era como se fosse uma alma se despedindo do corpo. Ele era a alma e eu era o corpo. A coreografia com uma música de Mahler, começava como se ele se desprendesse do meu corpo e, no final, como despedida, ele fechava os meus olhos ali no chão. Foi uma despedida dos quatro anos que trabalhei com ele, foi maravilhoso, uma experiência emocionante. Com ele dancei *Romeu e Julieta*, *Petrushka*, *Cinderela*, entre outros, obras incríveis, tudo com música ao vivo, que precisa que você fique muito mais



ligado, você tem de estar concentrado na variação dos andamentos. Mas enfim, não me adaptei ao frio de lá, tive muitos problemas de lombalgia no inverno, travei duas vezes. Então decidi voltar para o Brasil e fui readmitido no Balé da Cidade, seguindo com um contrato chamado de verba civil, que deixou de existir em 1988, um ano depois que eu voltei. Com esse contrato tive estabilidade e pude continuar muitos anos no balé.

Como você conheceu seu companheiro?

A gente se conheceu em 1982 depois que ele me viu dançar no Municipal. Joachim, era o nome dele, me viu dançando *Bolero*, espetáculo que fez muito sucesso no Municipal e uma noite nos encontramos na rua, na Marquês de Itú, onde tinha uma boate gay, chamada Homo Sapiens. A gente se viu na porta e ele me abordou, disse que já tinha me

visto dançando. Ele estava voltando para a Alemanha na mesma época em que eu estava indo morar lá. Morávamos em cidades diferentes e em 1987 ele pediu transferência e decidimos voltar para podermos viver juntos Brasil. Foi uma parceria linda, de 40 anos.

Você chegou a morar em outro país?

Até 1995 eu atuei mais como bailarino. Quando Ivonice Satie dirigiu a companhia pela primeira vez, ela me convidou para ser assistente de coreografia. Nessa época éramos três ensaiadores e sempre dois ficavam de assistente e um dançava, tinha uma divisão, dependia da obra. Em 1998 tomei a decisão junto ao meu parceiro de ir com ele para Nova Iorque. Ele era perfumista e estava sendo transferido pela empresa para lá. Tirei uma licença sem remuneração para ir para os Estados Unidos. Eu sentia que

precisava dar uma guinada na minha carreira e estudar mais a fundo a dança contemporânea. Fiz muitas aulas, um curso de pedagogia de dança e também dancei com Maxine Steinman, que havia sido bailarina do Instituto Limón. Criamos juntos dois duetos e com eles dançamos em diversos locais. Fomos convidados para abrir e encerrar um festival de dança em Nishio, no Japão. Foi uma experiência maravilhosa.

E como foi a volta ao Brasil?

Quando retornei de Nova Iorque no início de 2001, Ivonice Satie, que havia reassumido a direção, me incentivou a dar aula de dança contemporânea para a companhia. Agora já com experiência de um curso de pedagogia, com um novo olhar para a dança e minha conexão com a dança de contato improvisação, e também com a técnica release, que foi muito popular na década de 90. Release é uma técnica em que se usa mais o direcionamento ósseo e menos musculatura, para gerar um movimento mais fluído e mais leve. Nesse período dancei na Cia 2, que era um grupo dentro do Balé da Cidade e que durou dez anos, de 1999 a 2009, e começou com os bailarinos mais experientes da companhia. Na Cia 2, também criei coreografias. Na verdade, nós participávamos em todos os espetáculos como criadores, lá éramos todos criadores intérpretes. Swansong e uma das partes de Meta-Sensoriais foram duas coreografias que criei e considero importantes deste período. Em 2006 e 2007 eu e a bailarina Lilia Shaw, também da Cia 2, demos aulas de



consciência corporal para integrantes do Coro Lírico e do Coral Paulistano. Nessa época, coreografei também em várias óperas, como *Andrea Chenier*, *La Gioconda*, *A Filha do Regimento* e mais tarde *Don Giovanni*, em 2013.

Você tem um trabalho importante político para a categoria da dança, sim?

Até 2011 eu ainda atuei na companhia como intérprete. Mas eu sempre fui muito envolvido com a dança independente de São Paulo. Criei várias coreografias fora do Balé da Cidade, tendo recebido o prêmio APCA de melhor bailarino em 1995, pela interpretação em *A Casa do Meu Pai*, criada no Centro de Encontro das Artes. Participei ativamente na criação de duas cooperativas. A primeira na década de 1990, que se chamava Cooperativa Paulista de Bailarinos e Coreógrafos. E, depois, na atual, que é a Cooperativa Paulista de Dança, da qual sou um dos fundadores e estive à frente por quatro anos. Tive de sair porque como era servidor público, eu não podia assinar projetos para o Fomento o que inviabilizava a participação de outros cooperados. Era um trabalho voluntário. Sempre fui um ativista pela classe da dança no meio político. De 1988 até o início da Fundação, todos os novos artistas do Theatro eram contratados como prestadores de serviço. Às vezes acabava o contrato, a pessoa ia embora sem direito nenhum. A Fundação veio inclusive para resolver essa questão. Se não me engano as pessoas passaram a ser contratadas pelo regime CLT a partir de 2013. Até 2016, os bailarinos

continuaram contratados como prestadores de serviços, eles foram os últimos a serem celetizados no Theatro.

Fala um pouco do trabalho fora do palco dançando.

Quando a Cia 2 encerrou as atividades, eu passei a cuidar dos projetos didáticos, e também fiquei responsável pelo acervo do Balé, da qual por experiência, eu tinha bastante conhecimento histórico. Como coordenador dos projetos didáticos eu era responsável pelo agendamento junto às escolas públicas, principalmente da periferia que vinham assistir a um dia de ensaio do balé, os acompanhando e explicando o funcionamento do nosso dia a dia. De 2013 a 2016 atuei como assistente de direção de Iracily Cardoso. Em 2017, quando entrou o Ismael, eu deixei de ser assistente de direção e como ainda tinha contrato de bailarino, ele me convidou para continuar como coordenador de projetos didáticos e acervo. Quando me aposentei como servidor público da função de bailarino, em 2019, fui contratado pelo Instituto Odeon para ocupar o cargo de Coordenador do Acervo do Balé. Com a saída do Ismael Ivo no final de 2019 e a ausência de um diretor artístico, no período da Santa Marcelina, eu fiquei à frente da companhia juntamente com Carolina Franco e Roberta Botta, as duas coordenadoras de ensaio. Esta foi para mim uma fase muito difícil, pois além da situação da pandemia, estávamos sem sede e sem uma pessoa ocupando o cargo de direção, mas com muito esforço e boa vontade conseguimos segurar a companhia e continuar produzindo.

**O que você acha que é o mais incrível
que a dança te deu, Ray?**

Ah, a possibilidade de trabalhar em muitos lugares e conhecer muitas pessoas e outras culturas. O trabalho coletivo me fez entender as pessoas e ter respeito pelo próximo. Hoje eu falo três línguas e sei conviver com pessoas muito diferentes de mim.

Com a dança, a partir do momento que você se conecta mais com seu corpo, você acaba se conhecendo mais.

Eu aprendi a deixar meu ego de lado.

Na dança, você não faz nada sozinho, é um constante ensinar e aprender.

O amor pela dança me trouxe até aqui e me fez uma pessoa feliz e realizada.

Texto: Laila Abou Mahmoud Fotos: Stig de Lavor



RH E VOCÊ!

Afastamentos e Atestados Médicos

Ainda sobre afastamentos, em busca de melhorias no atendimento e organização dos atestados e declarações médicas, pedimos que os documentos sejam enviados ao e-mail:

- » **afastamento@theatromunicipal.org.br**
com cópia ao seu gestor e/ou ao responsável pelas rotinas administrativas do setor.

Agradecemos a colaboração de todos e todas neste processo.

O RH permanece à disposição.



Parabéns aos aniversariantes de março, toda saúde e felicidades para vocês!

- 1 – Cristiane Alves de Oliveira** – Formação, Acervo e Memória
- 1 – Renan dias Mendes** – Orquestra Sinfônica Municipal
- 2 – Eunice Barros Baia** – Figurino
- 4 – Rodrigo Padovan Grassmann Ferreira** – Musicoteca
- 5 – Alessandro Bean Gismano** – Coro Lírico
- 7 – Claudiana de Melo Sousa** – Bilheteria
- 10 – Camila de Oliveira Ribeiro** – Balé da Cidade de São Paulo
- 11 – Larissa Lima da Paz** – Comunicação
- 14 – Rafael Augusto Ritto** – Formação, Acervo e Memória
- 14 – Tatiane Fatima Muller** – Iluminação
- 16 – Valeria de Freitas Mota Lima** – Financeiro
- 17 – Beatriz souza Ferreira da Cunha** – Infraestrutura e Patrimônio
- 17 – Laureen cicaroli Dávila** – Comunicação
- 17 – Maria Elisabeth Ratzersdorf** – Coro Lírico
- 17 – Rosimeire pontes carvalho** – Atendimento ao Público
- 17 – Thiago Soares Lamattina** – Orquestra Sinfônica Municipal
- 17 – Tiago Francisco Naguel** – Orquestra Sinfônica Municipal
- 19 – Henrique Souza Soares** – Formação, Acervo e Memória
- 21 – Elaine Moraes de Oliveira Latuf** – Coro Lírico
- 22 – Fernanda Bueno da Silva** – Balé da Cidade de São Paulo
- 22 – Karoline Marques da Conceição** – Comunicação
- 22 – Maria do Socorro Lima da Silva** – Bilheteria
- 22 – Milena Swiuk Tarasiuk** – Coro Lírico
- 23 – Rodrigo Yugi Nagamori** – Orquestra Sinfônica Municipal
- 24 – Erika Ishimaru** – Balé da Cidade de São Paulo
- 24 – Marcelo Augusto Ramos Santos** – Coral Paulistano
- 24 – Rafael Novello da Silva** – Coro Lírico
- 25 – Joung Keun Lee** – Coro Lírico
- 25 – Márcio filho** – Balé da Cidade de São Paulo
- 26 – Carolina Martinelli Flores** – Balé da Cidade de São Paulo
- 28 – Wirley Maria Sampaio Francini** – Balé da Cidade de São Paulo
- 30 – Ermelindo Terribele Sobrinho** – Cenotécnica

IMPORTANTE

Você que é representado pelo Senalba, tem direito a Folga Aniversário no mês do seu aniversário! Lembre-se de combinar com o seu gestor o melhor dia para aproveitar e comemorar o seu dia!

A cláusula décima sexta do acordo coletivo 2022/2023 prevê que: “O(a) empregado(a) fará jus a um dia de folga abonada no mês do seu aniversário, em data a ser combinada com o(a) gestor(a) da área”.

Aproveite!

PROGRAMAÇÃO



BALÉ DA CIDADE
DE SÃO PAULO

ORQUESTRA
SINFÔNICA MUNICIPAL

INACABADA e O BALCÃO DE AMOR

JUN 2023

2 sexta 20h

3 sábado 17h

4 domingo 17h

6 terça 20h

7 quarta 20h

8 quinta 20h

9 sexta 20h

10 sábado 17h

INACABADA

Inacabada carrega uma intensidade que pode vir de experiências íntimas, talvez reprimidas – há histórias sobre a homossexualidade do compositor Franz Schubert que sugerem profunda melancolia. Tudo o que cerca uma obra inacabada nos desafia de várias formas: mistério, intriga, segredos, são as motivações desconhecidas.

IHSAN RUSTEM,
coreografia em colaboração
com o elenco e cenário

FRANZ SCHUBERT
Sinfonia nº 8, D. 759, música

INGRESSOS
R\$12-84

classificação
indicativa **14 anos**

THEATRO MUNICIPAL –
SALA DE ESPETÁCULOS

O BALCÃO DE AMOR

Galili fez a concepção do espetáculo após uma viagem a Cuba, em que conheceu a música de Perez Prado, compositor cubano que ficou conhecido como “o rei do mambo”. Os protagonistas, um casal de bailarinos, encenam os encontros e desencontros do jogo amoroso.

ITZIK GALILI
concepção e coreografia
PEREZ PRADO
música

ORQUESTRA
EXPERIMENTAL
DE REPERTÓRIO

CAMERATA

JUN 2023
10 sábado 17h

Sob regência de Guilherme Rocha, a Orquestra Experimental de Repertório trará para a Praça das Artes as obras de Paul Dukas, Alexandre Travassos, Giovanni Gabrieli, Wolfgang Amadeus Mozart, Johannes Brahms, Edward Elgar, George Gershwin, Steven Verhelst e Johann Strauss I.

GRATUITO

(Retirada de ingressos pelo site)

PRAÇA DAS ARTES -
ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA



PASSINHO NO MUNICIPAL

JUN 2023
11 domingo 17h

INGRESSOS
R\$5-10

classificação
indicativa **livre**

duração aproximada
90 minutos

THEATRO MUNICIPAL -
SALA DE ESPETÁCULO

A Clarin Cia. de Dança apresentará pela primeira vez no palco do Theatro Municipal de São Paulo uma adaptação do espetáculo *ou 9 ou 80* (nome inspirado nas 9 mortes em Paraisópolis, SP, e os 80 tiros no carro de uma família em Guadalupe, RJ), que mistura os estilos do passinho e do funk, através da dança e da música. Para essa edição teremos a participação especial de House of Zion, Bianca Manicongo – Bixarte, Imperadores da Dança, Fezinho Patatyy, Tropa do Passinho, Os RLK de Sampa e Os Malokas de SP.

Com trilha ao vivo, o espetáculo de dança contará com dez músicos que acompanharão o time de dançarinos das periferias do Rio de Janeiro e de São Paulo. O trabalho foi selecionado por meio do Chamamento Artístico do Complexo Theatro Municipal de São Paulo.

MIGRAFEST

JUN 2023
13 terça 20h

O Migrafest é um movimento que busca, por meio da música, mobilizar e aproximar brasileiros e imigrantes em prol da causa dos refugiados.

De um lado os músicos brasileiros Chico César e Zeca Baleiro, com diversos prêmios em suas carreiras, e do outro lado Oula Al-Saghir, cantora e atriz palestina que migrou para o Brasil em 2015, Leonardo Matumona, cantor e compositor nascido na República Democrática do Congo, e da iraniana Mah Mooni, filósofa e cantora clássica.

INGRESSOS
R\$40-80

classificação
indicativa **livre**

THEATRO MUNICIPAL –
SALA DE ESPETÁCULO



LORCA EM CENA

JUN 2023
14 quarta 20h

ADRIANA MAGALHÃES
e **IVY SZOT**
vozes

ATILIO ROCHA
violão

ADRIANA VERALDI
direção

INGRESSOS
R\$16-32

classificação
indicativa **livre**

duração aproximada
60 minutos

THEATRO MUNICIPAL –
SALÃO NOBRE

Apresentação da obra *13 Canciones Españolas Antiguas*, recolhidas e harmonizadas pelo poeta García Lorca, em versão para violão e vozes intercaladas com poemas do autor. O trabalho foi selecionado por meio do Chamamento Artístico Interno do Complexo Theatro Municipal de São Paulo.

QUARTETO
DE CORDAS
DA CIDADE
DE SÃO PAULO

JUN 2023
15 quinta 20h

O BRINQUEDO E A BELEZA

O Quarteto da Cidade apresenta mais duas obras de Ludwig van Beethoven, dando continuidade ao Ciclo da Integral dos quartetos do compositor. Serão executados o *Quarteto Op. 18, nº 1* e o *Quarteto Op. 132*. Na Sala do Conservatório, se apresentam os violinistas Betina Stegmann e Nelson Rios, o violista Marcelo Jaffé e o violoncelista Rafael Cesario, que formam o grupo.

INGRESSOS
R\$32

classificação
indicativa **livre**

PRAÇA DAS ARTES –
SALA DO CONSERVATÓRIO



ORQUESTRA
SINFÔNICA
MUNICIPAL

JUN 2023
16 sexta 20h
17 sábado 17h

GIGANTES CONTINENTAIS PRICE E RACHMANINOFF

ROBERTO MINCZUK
regência
MICHELLE CANN
piano

A Orquestra Sinfônica Municipal retorna a Sala de Espetáculos do Theatro Municipal para apresentação de mais um grande concerto. O espetáculo contará com Iron Foundry, Op. 19, de Alexander Mosolov, Concerto para piano em um movimento, de Florence Price, Concerto para piano em Sol Maior, de Maurice Ravel e Sinfonia nº 1 em Ré menor, Op. 13, de Sergei Rachmaninoff.

INGRESSOS
R\$12-64

classificação
indicativa **livre**

THEATRO MUNICIPAL –
SALA DE ESPETÁCULOS

LAVAGEM DA ESCADARIA DO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

JUN 2023
17 sábado 12h

A cerimônia de realização de lavagem é uma grande comemoração a ser realizada no Theatro Municipal que dialoga com tradicionais lavagens que acontecem na Bahia, associando o maior e mais importante palco da cidade de São Paulo com movimentos culturais tradicionais e com as diversas nações das religiões de matriz africana. O trabalho foi selecionado por meio do Chamamento Artístico do Complexo Theatro Municipal de São Paulo.

GRATUITO
classificação
indicativa **livre**
duração
90 minutos

THEATRO MUNICIPAL –
ESCADARIA EXTERNA
E HALL



SAMBA DE SEXTA SAMBA DO COLLETE

JUN 2023
23 sexta 19h

SAMBA DO COLLETE
convidados

DANIELE ABELIN
abertura

GRATUITO
classificação
indicativa **livre**
duração
90 minutos

PRAÇA DAS ARTES –
ENTRADA BOULEVARD
SÃO JOÃO

O Samba do Collete tem como patrono Daniel Collete, carioca que iniciou sua carreira desfilando na Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis, em 1977, e seguiu carreira como diretor de bateria em escolas como a X-9 Paulistana, Mocidade Alegre e Dragões da Real. Dono de uma voz potente e de muita animação, o presidente do grupo traz como marca o contagiante grito “Maraviiiiilhã”, possuindo grande reconhecimento no circuito do samba paulistas.

RIMA FALADA

JUN 2023
24 sábado 17h

DRIK BARBOSA
convidada

MANA BELLA
mediação

Programação trimestral que faz parte de uma série de ações que visam democratizar e ampliar o acesso de artistas, linguagens artísticas e público ao Theatro Municipal. O projeto Rima Falada trará ao Theatro Municipal importantes nomes do hip-hop nacional, propondo uma apresentação no espaço do Salão Nobre.

GRATUITO

classificação
indicativa **livre**

duração
60 minutos

THEATRO MUNICIPAL –
SALÃO NOBRE



QUARTETO
DE CORDAS
DA CIDADE
DE SÃO PAULO

MÚSICA URBANA BRASILEIRA EM TRANSFORMAÇÃO

JUN 2023
29 quinta 20h

O Quarteto da Cidade tocará obras de Joaquim Callado, Chiquinha Gonzaga, Ernesto Nazareth e Pixinguinha. Na Sala do Conservatório, se apresentam os violinistas Betina Stegmann e Nelson Rios, o violista Marcelo Jaffé e o violoncelista Rafael Cesário, que formam o grupo, acompanhados dos convidados Alessandro Penezzi e Fábio Peron.

INGRESSOS
R\$32

classificação
indicativa **livre**

PRAÇA DAS ARTES –
SALA DO CONSERVATÓRIO

COMUNICAÇÃO

Coordenadora

Elisabete Machado Soares dos Santos

Assessoria de imprensa

André Santa Rosa Lima

Laila Abou Mahmoud

Audiovisual

Larissa Lima da Paz

Stig de Lavor

Comunicação interna

Guilherme Dias

Conteúdo

Laureen Dávila

Design

Karoline Marques

Winnie Affonso

Digital e redes sociais

Gustavo Quevedo

Tatiane de Sá

Aprendiz

Francielli Perpétuo

EXPEDIENTE DA PUBLICAÇÃO

Produção de Conteúdo

Guilherme Dias

Design

Karoline Marques

Fotos

Stig de Lavor

Entrevista

Laila Abou Mahmoud

Revisão

Ciça Corrêa

